

PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE: ALTERAÇÕES NAS CLASSES SEMÂNTICAS (CLASSEMAS) E RESPECTIVAS IMPLICAÇÕES CONSTRUCIONAIS ¹

Lourenço Mateus Lindonde ²

Abreviaturas Usadas

PM	Português de Moçambique
PE	Português Europeu
LP	Língua Portuguesa
J M	Jornal da Manhã
UP	Universidade Pedagógica
UCM	Universidade Católica de Moçambique
SU	Sujeito
SN	Sintagma Nominal
OD	Objecto Directo
SP	Sintagma Preposicional
SMI	Saúde Materno-Infantil

1. Mobilidade lexical: alguns factos

Ao debruçar-se sobre o fenómeno da nativização ³ do Português em Moçambique, FIRMINO (1998: 261) considera ter havido, sobretudo nos centros urbanos, uma “incorporação de novas característi-

¹ Este artigo é resultado de um trabalho feito para o Seminário de Lexicologia, dirigido pelo Professor Doutor Mário Vilela e enquadrado no Mestrado de Linguística Portuguesa, Maputo.

² Assistente da Cadeira de Estrutura das Línguas Bantu, na Delegação da Universidade Pedagógica- Nampula- Moçambique.

³ O autor defende que o Português está a ser adaptado ao contexto moçambicano, um facto que garante a suposição de que esta língua não pode ser tão intrusa e exógena em algumas partes de Moçambique.

cas estruturais” nesta língua. Esta situação leva a que o Português falado em Moçambique seja relativamente diferente do da norma europeia. Talvez seja por este motivo que o autor propõe a elevação do Português ao estatuto de língua nacional.

As diferenças entre a norma europeia e a variedade moçambicana situam-se a vários níveis, sendo o lexical aquele em que “se encontram as principais especificidades” dialectais. (GONÇALVES 1996:21) Em *O Léxico do Português: Perspectivação Geral*, VILELA [95:14-15], pergunta «quantas palavras e quantos morfemas estão contidos no léxico» e se «o léxico é algo fixo e fixado». Ainda no mesmo texto, em resposta às duas questões, o autor afirma que o “léxico constitui um sistema mais ou menos imprevisível e quase infinito” de uma língua, contrariamente à gramática que, segundo ele, “forma um sistema fechado”.

Este carácter quase ilimitado do léxico deve-se, em parte, a um dos princípios universais segundo o qual as línguas humanas se desenvolvem e, conseqüentemente, o seu léxico pode alargar-se. O alargamento do léxico de uma língua ocorre, normalmente, através de processos morfológicos, pela adição de afixos aos vocábulos de base e pelos processos lexicais, com a “criação de palavras totalmente novas.” (cf. AZUAGA 1996:238)

Para GONÇALVES (Ib.) as inovações que têm como ponto de partida o léxico “podem ser agrupadas consoante se trate: (a) de modificações do comportamento sintáctico das palavras; ou (b) do valor semântico que lhes é atribuído; ou mesmo (c) de aplicação de processos morfológicos derivacionais em casos que a norma europeia tem tendência a excluir”.

Para elucidarmos o que acabámos de nos referir, vejamos, por exemplo, o uso das palavras “estruturas”, “massa” e “caril” no Português de Moçambique (doravante PM), através das frases que se seguem:⁴

- (1) a. Chegaram as *estruturas*.
 - b. Estamos há duas semanas tentando falar com as *estruturas*. (TVM, 1.6.2000)
- (2) Hoje é só *massa*, falta *caril*.

São palavras que, para além do seu valor original, ganham novos valores semânticos, conforme o seu uso nas frases em que

⁴ Para as frases (1a) e (2): in CARVALHO 91:21

ocorrem. Num acto de comunicação que envolva um falante do PM e outro do Português europeu (doravante PE), as frases (1) e (2) podem causar não só estranheza, como também “ruído” ao nível da mensagem, uma vez que, quanto ao seu denotado, as palavras “estruturas”, “massa” e “caril” não representam conjuntos de indivíduos reconhecidos na norma do PE.

Assim, em (1), o lexema “estruturas” remete-nos, de acordo com o PM, para um conjunto de indivíduos com o traço [+HUM], dotados do “poder político” sobre outro conjunto relevante de indivíduos. Tal significa que esta palavra não deve ser interpretada como modo de organização de uma determinada sociedade, ou seja, em (1) o lexema “estruturas” ostenta o traço [+dirigentes].

Em (2), o lexema “massa” é empregue na variedade moçambicana com o valor de alimento feito normalmente de farinha de milho ou mapira, conhecido nalgumas línguas locais por “xima”, um lexema que a pouco e pouco vai fazendo parte do léxico do PM, à semelhança das palavras “fungi” e “fuba” no Português de Angola.. O lexema *.caril* seria, ainda de acordo com PM, o hiperónimo de tudo quanto acompanha “xima”. Como o acompanhante de xima pode exibir várias propriedades, ou formas de ser diferentes de acordo com os seus ingredientes, os falantes instituem, geralmente, um complemento do tipo determinativo como: *caril de galinha*; *caril de matapa*; ⁵ *caril de feijão*, etc., como ilustra a frase:

(3) Em Bagamoio comíamos arroz com *caril de peixe* ou carne. (in *Domingo*, 9.7.2000:16)

Para além da estrutura apresentada em (3), o lexema “caril” pode também ocorrer noutros contextos:

(4) a. Quanto à alimentação, esta era constituída por arroz e feijão manteiga como *caril* principal. (Ib.)

b. O repolho, para além de servir de *caril*, serve também para muitas coisas. (UCM, Ano 012000)

No presente trabalho, pretendemos estudar a semântica da palavra “grávida”, e seu uso no PM, pois é comum constatar neste país e sobretudo na região norte, a ocorrência de frases como:

⁵ Feita de verduras: folhas de mandioqueira, feijão, couve, etc.

(5) Então pensei e concluí que aquela *grávida* não era da minha autoria. (FS, 23.4.99:6)

(6) Passam dias, meses e anos e nada de *grávida* aparece. (JM, 18.5.99)

Como podemos ver, o lexema “grávida” é, nestas frases, empregue não como adjectivo, mas sim como um nome; ocupando, por conseguinte, posições nucleares do SN. A atribuição de significados novos a uma palavra pode, de acordo com GONÇALVES 96, provocar: (a) alterações dos traços semânticos; e (b) modificações do comportamento sintáctico das palavras, como provam as frases (3) e (4).

Embora o trabalho se circunscreva ao âmbito lexical, tomámos, no entanto, como suporte teórico, um princípio sintáctico segundo o qual “nas línguas naturais, nem todos os “tipos” de palavras se podem combinar para formar unidades mais vastas.” Tal significa que “a pertença a uma dada categoria determina que apenas possam ocorrer em certas posições na cadeia sintagmática.” (BRITO 1996:254) De acordo com este princípio, as frases (5) e (6) podem ser consideradas anómalas tendo em conta a norma do PE, em virtude de uma selecção indevida do morfema “grávida”. A opção por este princípio baseia-se na teoria de que “O significado de uma expressão complexa é determinado pelo significado dos seus constituintes e pela forma como se combinam.” (OLIVEIRA 1996:334) Em consequência destes pressupostos teóricos, as frases (5) e (6) não gozam da mesma interpretação que uma frase bem formada, isto é, em que o lexema “grávida” surge na sua posição ideal, de acordo com a norma do PE. O desvio que ocorre em (5) e (6) junta-se a um outro com características similares:

(7) O caso que leva a escrever esta *ousadia* carta é de grande interesse sobre as mulheres africanas que têm cognomes de putas. (in CAPELA *sld*:57)

Procuraremos ainda determinar as causas que estão na origem do fenómeno que ocorre em (5) e (6) e, por conseguinte, analisaremos a semântica do adjectivo “grávida”, com base nos traços sémi-cos atribuídos pelos falantes do PM. Para tal, basear-nos-emos na análise sémica, de modo a verificarmos as “semelhanças e dissemelhanças” existentes entre esta palavra e outras com ela relacionadas.(cf. VILELA 99) ⁶

⁶ Trata-se de um texto de apoio produzido no âmbito do Mestrado em Linguística Portuguesa, Maputo

A pesquisa foi levada a cabo na Universidade Pedagógica-Delegação de Nampula, envolvendo trabalhadores não académicos, no Instituto de Ciências de Saúde, onde trabalhamos com estudantes do Curso de Saúde Materno-Infantil (doravante designaremos SMI) e na Universidade Católica de Moçambique (Faculdade de Direito). Trabalhamos também com o “Moçambique pelo seu povo”, uma colectânea de cartas dos leitores, de autoria de José Capela. O nível de escolaridade dos trabalhadores não académicos da UP varia entre a 6^a- e 12^a- classes, enquanto os do Instituto de Ciências de Saúde de Nampula têm como nível de ingresso a 10^a- classe do ensino secundário geral.

2. O Léxico e a variação linguística no Português de Moçambique

Como o tema que nos propomos estudar gira à volta do léxico e sua variação no PM, começaremos por considerar esta unidade linguística «um complemento da gramática, uma lista de irregularidades» (VILELA 1979:33), uma vez que «contacta directamente a experiência do mundo real, reflecte a multiplicidade do real e constitui o “stock”, o armazém donde os falantes extraem as palavras conforme as situações.”(lb.)

Por ser “stock” ou armazém, o léxico opõe-se ao vocabulário definido como “conjunto dos vocábulos (palavras que ocorrem na frase) realmente existentes num determinado lugar e num determinado tempo, tempo e lugar ocupados por uma comunidade linguística.”(cf. VILELA 99) Tal como a própria língua, o léxico tem um carácter geral e social, enquanto o vocabulário é de carácter particular, individual. Sendo próprio de um indivíduo falante, a sua forma e uso não podem ser homogéneos, partindo do princípio de que a língua não só “varia no espaço criando no seu território o conceito de dialectos regionais, (...) como também na hierarquia social, estabelecendo o que hoje se chama os dialectos sociais” (CAMARA 1985: 17). Portanto, o lexema que constitui objecto do nosso estudo, isto é, a palavra “grávida”, faz parte do léxico do Português e torna-se vocábulo no seu uso em situações concretas de interacção social, sujeitando-se, por conseguinte, a todo um conjunto de factores inerentes à fala quotidiana.

E por falarmos na variação linguística de acordo com o espaço, importa referirmos que «O Português está presente como língua viva

no Brasil, em Angola, Moçambique, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, e na Guiné». (VILELA 1995:45) Com a excepção (?) do Brasil ⁷, o Português é, nestes países, uma língua segunda para a maioria da sua população. No caso específico de Moçambique, o Português convive no mesmo espaço geográfico com cerca de 24 línguas do grupo bantu, faladas por 98,8% da população. Como língua segunda, o Português é falado por cerca de 24% da população moçambicana e, como língua materna, por 1,2% de indivíduos, conforme o censo de 1980. (CARVALHO 1991 e FIRMINO 1997:251) Este estado de coisas levanta, *a priori*, problemas inerentes ao contacto entre línguas. Por conseguinte, registam-se fenómenos de interferência, isto é, de uso das estruturas linguísticas pertencentes a línguas bantu, quando se expressam em Português. ⁸

Motivados por factores de bilinguismo, bem como pelo conhecimento incipiente da estrutura da LP, muitos falantes do Português de Moçambique cometem desvios em relação à norma do PE, embora, em termos oficiais, o Português falado em Moçambique siga a norma do PE. (SEMEDO 1997)

São desvios que se situam a vários níveis, desde o fonológico, passando pelos níveis morfológico e lexical, até ao sintáctico-semântico. No fonológico, poderíamos falar, por exemplo, a substituição da consoante lateral /l/, pela vibrante /r/, por falantes bilingues do Ndau (Sena)/Português, em palavras como /falar/ e /localidade/, etc:

- (8) a. Agora eu vou *faral* sobre do meu amigo. ..(in CAPELA *std.* p.17)
 b. As meninas amam mais pessoas de fora, do que da mesma *locaridade*, pois sim. (Idem, p.57)

O léxico de uma língua pode alargar-se acrescentando afixos aos vocábulos de base ou criando palavras completamente novas. No Português de Moçambique é frequente assistirmos ao surgimento de palavras novas a partir das que existem, graças aos morfemas derivacionais:

- (9) a. Tinha recebido o vencimento que era para sustentar a sua família, mas o mal que ele recebeu *desimportou* de ir a casa, correu logo para bar...(in CAPELA *std.* p.53)

⁷ Não temos certeza se no Brasil existem outras línguas locais para além do Português.

⁸ FISHMAN 98:596, define interferência como sendo o uso de estruturas linguísticas pertencentes a uma dada língua, quando falamos ou escrevemos outra.

b. A primeira semana trataram muito bem como deve ser e a seguir a semana da família *desequentaram* e mandaram-se embora. (Ib.)

Ao nível sintáctico podemos basear em GONÇALVES 96: 19, que se refere «(a) à utilização dos pronomes pessoais complementos; (b) à estrutura das frases subordinadas e (c) à ordem das palavras». O fenómeno de simplificação de expressões linguísticas constitui outra forma de desvio muito frequente no PM, como confirma VILELA (95 pp53-54): «O traço mais marcante do português africano é a simplificação: que tanto pode incidir na simples eliminação sistemática dos elementos em determinados contextos, como incidir na redução de alternativas possíveis...»

Quanto aos desvios que se verificam no nível semântico, referimo-nos na primeira parte do nosso trabalho, apenas a título de exemplo, à atribuição de novos significados às palavras *estrutura*, *massa* e *caril*, fazendo com que as frases em que elas ocorrem não só sejam estranhas à norma padrão do Português, como também tenham uma interpretação diferente. Poderíamos falar, ainda no nível semântico, do uso, por exemplo, no PM, da expressão “chapa 100” para designar “transporte semi-colectivo de passageiros»:

(10) A Cidade do Maputo, debate-se actualmente com três graves (...) flagelos, designadamente o flagelo dos *chapas 100*. (*Notícias*, 14.8.2000:5)

2.1. O Conceito de traços semânticos

De acordo com COSERIU 77, apud VILELA (1979:62) « semas são traços distintivos mínimos de significado que operam num único campo lexical, servindo para estruturar esse campo em termos de vários tipos de oposição...». Entende-se por campo lexical «o conjunto de unidades léxicas que dividem entre si uma zona comum de significação com base em oposições imediatas.» (VILELA, ib.) Podemos dar como exemplo de semas os traços semânticos que opõem os lexemas: *casa*, *vivenda*, *moradia*, *apartamento*, *flat*, *cubata*, *palhota*, etc, os quais se caracterizam pelo traço [+abrigo], mas diferem entre si na forma e estrutura e que, muitas vezes, levantam problemas relacionados com a demarcação das suas fronteiras.

Em contrapartida, os classemas “são componentes de sentido muito gerais comuns a lexemas que pertencem a diferentes campos lexicais...” (Idem). Tomemos como exemplo os lexemas: “gato”, “ferro”, “planta”, “boi”, “areia”, “João”, “pedra”, “cão” e “gibóia”. Trata-se de um conjunto de palavras que pertencem a diferentes campos lexicais, mas que podem partilhar algumas propriedades em comum: (a) [+VIVOS]: gatos, plantas, João, bois, cães, gibóia; (b) [-VIVOS]: pedra, areia ferro; (c) [+ANIM]: gato, João; bois, cães; (d) [-ANIM]: planta, pedra e ferro. (e) [+Quadrúpedes]: gatos, bois, cães. [-Quadrúpedes]: João, gibóia. Cada um dos grupos de lexemas forma uma classe lexical, pois “entram em relação por meio de (...) um traço distintivo comum que funciona em toda uma categoria verbal”. (VILELA 1979:70)

Os traços mínimos que distinguem lexemas do mesmo campo lexical são designados por diferenciadores e os que opõem lexemas de campos lexicais diferentes, são os chamados marcadores ou simplesmente traços genéricos. São diferenciadores os traços semânticos que opõem os lexemas reunidos no primeiro exemplo, enquanto os do segundo exemplo se opõem entre si através de marcadores.

Como acabámos de nos referir, as fronteiras em traços sémicos entre duas ou mais palavras do mesmo campo lexical são por vezes de difícil delimitação. Tal é o que pode ocorrer, por exemplo, entre os pares dos lexemas “casa/moradia”; “flat/apartamento”; “palhota/cubata”, “moradia/vivenda”, ou mesmo entre “casa” e “residência”. Parece ser por esta razão que se assiste no PM, sobretudo ao nível do discurso infantil, ao frequente uso generalizado dos lexemas “chapéu”, para se referir a toda a peça de vestuário usado normalmente pelos homens para cobrir a cabeça; “caneta”, todo objecto com tinta que serve para escrever; “sapato”, todo o tipo de calçado, “cão”, todo o animal quadrúpede; etc.

3. O Uso do morfema “grávida” no Português de Moçambique

Esta secção comporta duas partes, nomeadamente (a) “Descrição morfo-sintáctica da palavra “grávida”, de acordo com a norma do PE e, (b) “Dos traços semânticos da palavra à frase”. Sem fugirmos ao tema, tentaremos, na primeira parte, relacionar a morfologia com sintaxe, como forma de explicar as restrições que se impõem no uso de certas categorias gramaticais. Na segunda parte, fornecemos os

dados relativos aos significados atribuídos ao morfema “grávida”, pelos informantes, uma acção que inclui a apresentação das frases por eles produzidas, as quais reflectem as mudanças operadas ao nível dos traços semânticos do morfema em estudo.

Como fizemos referência na primeira parte, foi realizado um inquérito por escrito, com vista à recolha dos dados, um teste que compreendeu três fases: Num primeiro momento, fizemos um exercício a partir do qual os informantes forneceram diferentes significados do lexema “grávida”, sem o apoio de uma frase. A segunda parte consistiu em determinar o significado ou significados da palavra “grávida” a partir de uma frase. E, na última parte, os informantes construíram frases em que procuram integrar o morfema “grávida”.

3.1. Descrição morfo-sintáctica da palavra “grávida”

VILELA (1979:12) considera que «O léxico na Gramática Transformacional Generativa é o conjunto de entradas lexicais correspondendo à competência lexical do falante/ouvinte duma língua particular...». Assim, «a entrada lexical é especificada por meio de traços que confirmam, (...) entre vários aspectos, (a) as propriedades necessárias para a interpretação semântica (componentes de definição do dicionário) e (b) as propriedades léxicas referentes ao lugar de inserção da respectiva unidade lexical na sequência sintáctico-categorial.» (Ib.)

Com base nestes pressupostos teóricos, podemos depreender que “grávida” é, quanto à sua interpretação semântica, um adjectivo, «designativo de ou mulher ou fêmea de animal que se encontra em estado de gravidez». Além disso, o morfema “grávida” é também definido como substantivo feminino. O adjectivo “grávida” opõe-se ao morfema “gravidez” pelo facto de o primeiro atribuir uma determinada qualificação a um nome e o segundo é um nome que designa uma pessoa. E, dependendo das propriedades semânticas do nome a que o adjectivo se associa, o morfema “grávida” pode tomar duas formas diferentes, correspondentes aos géneros masculino e feminino, o que faz dele um adjectivo biforme, de acordo com a terminologia utilizada pelas gramáticas tradicionais da Língua Portuguesa.

Quanto ao lugar de inserção desta unidade lexical na sequência sintáctico-categorial, preferimos basear a nossa abordagem em BASÍLIO 1980, através do seu estudo sobre restrição categorial e os

agentivos em - **dor**. Neste estudo, a autora considera que “alguns agentivos em - **dor** podem ocorrer ou como nomes, ou como adjectivos” (p.90), como ilustram as frases:

- (11) a. O administrador [+NOME] não conseguiu resolver o problema.
 b. A firma administradora [+Adj] não conseguiu resolver o problema.

Considerando que o morfema “grávida” ostenta os traços [+ADJ] e [+NOME] admite-se, portanto, que esta unidade linguística possa ocorrer na posição SN-SU ou como modificador, ou como elemento nuclear do sintagma, como demonstram as frases:

- (12) a. Uma mulher grávida deve alimentar-se bem.
 b. Uma grávida deve alimentar-se bem.

De acordo com a norma do PE, a expressão “uma grávida”, em (12b), deve ter a mesma interpretação que, “uma mulher grávida”, dado o seu valor metonímico. O adjectivo “grávida” pode ocorrer, para além destas posições argumentais, como predicador de verbos do hiperónimo “ser”:

- 13) a. A Laura está *grávida* há seis meses.
 b. A Clara ficou *grávida* aos 25 anos de idade.

Com base nestas realizações da palavra “grávida”, são os seguintes os traços deste lexema, correspondendo à sua entrada lexical:

- (a) +N, +Adj
 (b) (b) +N
 (c) +Adj

Contudo, não nos parece que a interpretação do morfema “grávida” em (12b) seja aplicável às frases (14a) e (14b), correspondentes ao uso deste adjectivo no PM:

- (14) a. Esta *grávida* não me pertence.
 b. Esta doença é muito complicada sobretudo nas mulheres quando apanham *grávida*. (JM, 4.8.2000)

Em (14a) e (14b), o morfema “grávida” surge como um elemento nuclear do SN-SU, e SN-OD, o que é estranho à norma do PE. Nestas

frases o morfema “grávida”, embora exiba o traço [+NOME], não substitui, no entanto, “mulher que se encontra em estado de gravidez”, mas a própria “gravidez”. Embora sejam agramaticais de acordo com a norma do PE, este tipo de frases são realizáveis no PM.

3.2. Dos traços semânticos da palavra à frase

Apresentam-se em seguida os resultados do inquérito destinado a recolher os dados referentes ao uso do adjectivo “grávida” no PM. Começaremos por fazer o levantamento e a descrição dos traços que os informantes atribuíram a este lexema, de acordo com o saber linguístico de cada um e, em seguida, apresentaremos as frases por eles construídas.

Porque não é nosso objectivo fazer um estudo sociolinguístico do fenómeno, analisaremos os resultados sem ter em conta a condição social e o grau de instrução dos informantes. Assim, com relação aos significados que configuram o lexema “grávida”, o inquérito permitiu-nos obter os seguintes traços:

- [+ conceber]
- [+ resultado de contacto sexual entre homem/mulher]
- [+ é o estado de uma mulher durante a gestação]
- [+ gestação]
- [+ posição normal de uma mulher]
- [+ estado da fêmea durante a gestação]
- [+ embarrigar]

Como se pode depreender, os traços aqui apresentados definem “grávida” ou como uma acção ou como um estado, mas não como uma propriedade. O resultado do contacto sexual entre uma mulher e um homem, de entre várias possibilidades, é a gravidez. Por conseguinte, os falantes do PM interpretam uma propriedade atribuível a seres com traço [+Fêmea] como um estado em que eles se podem encontrar durante a gestação do feto. É, pois, com base nesta interpretação do adjectivo “grávida”, que os falantes produziram as frases que se seguem:

- (15) a. A *grávida* da Maria deu à luz dois gêmeos.
 b. A amizade da Rita com o Julião produziu uma *grávida*.
 c. A minha vizinha desfez uma *grávida*.
 d. A *grávida* da Maria já desfez-se.

- e. A *grávida* é o período de gestação.
- f. Eu gosto mulher de *grávida*.
- g. A filha do Ivo está de *grávida*.

Em (15a), (15d) e (15e), o lexema “grávida” surge como elemento nuclear do SN-SU, enquanto em (15b) e (15c) ocorre como OD de verbos do hiperónimo fazer, nomeadamente “produzir” e “desfazer”. Em (15f) e (15g) o morfema “grávida” é, de acordo com o PM, engendrado na posição [SP ,N]. Estas duas últimas frases devem ser lidas como “...que tem grávida”, ou, de acordo com o PE, “...que se encontra em estado de gravidez”. Como vimos em (8a) e (8b), estas frases são agramaticais tendo em conta a norma europeia, mas constituem formas de falar que caracterizam os discurso oral e escrito de muitos falantes do PM. O exemplo mais elucidativo de comutação de traço semântico [+Adj] para [+Nome] é a frase (e), em que o locutor define “grávida” como um período de gestação, que é o mesmo que identificar este morfema com “gravidez”. Sendo assim, e de acordo com o que anteriormente ficou dito, os falantes interpretam o lexema “grávida” não como uma qualidade que aparece associada a um indivíduo ou ser com traços [+HUM] e [+FÊMEA], o qual se pode encontrar num determinado estado, mas como um estado em que um indivíduo se encontra. Parafraseando, os falantes do PM usam o lexema “grávida” no lugar de “gravidez”, portanto, no lugar de uma palavra que, quanto à sua categoria gramatical, pertence à classe dos substantivos, e significa “estado de fêmea durante a gestação”, “prenhez”. Voltando à questão da restrição categorial a que anteriormente fizemos referência, diremos, por analogia com agentivos em -dor, que no PM o lexema “grávida” é mais usado como nome do que como adjectivo, pelo que ocorre na posição SN-SU ou SN-OD.

Pertencendo as duas palavras a “tipos” diferentes, não pode haver, por conseguinte, qualquer possibilidade de se comutarem dentro do eixo paradigmático, de acordo com a norma padrão do Português. Segundo VILELA (1999) existem relações paradigmáticas apenas entre palavras que pertencem à mesma categoria gramatical, como por exemplo entre os adjectivos *branco*, *preto*, *cinzento*, o que favorece a sua comutação dentro do eixo paradigmático.

A mudança de traços que se verifica no uso do adjectivo “grávida” afecta o comportamento sintáctico deste morfema, fazendo com que a frase em que ocorre tenha não só uma interpretação dife-

rente, como também uma estrutura estranha à norma do PE. Além disso, alguns falantes interpretam o lexema “grávida” ora como [+Nome], ora como [+Adjectivo], o que demonstra a ausência de delimitação em traços sémicos das suas fronteiras, como ilustra a frase:

- (16) Uma mulher *grávida* não pode beber água servida por uma outra que esteja menstruada, porque a *grávida* estraga-se e pode não nascer (SMI, NPL, 1999)

A que se deve este uso arbitrário da palavra “grávida”? Por que razões os falantes do PM interpretam o adjectivo “grávida” como um nome, ou melhor, a que se deve a alteração do traço [+Adjectivo] para o traço [+Nome]? Para respondermos a estas perguntas, apresentaremos em seguida a análise semântica das palavras “grávida”/“gravidez”, com base na realidade linguístico-cultural moçambicana.

4. A semântica de “grávida/gravidez” no contexto linguístico-cultural moçambicano

Pretendemos, nesta secção, abordar alguns aspectos relacionados com a semântica do morfema “grávida”. Apresentaremos, por conseguinte, os traços sémicos que configuram este termo, de acordo com a cultura dos falantes do PM, numa abordagem que inclui certos tabus subjacentes ao uso do morfema “grávida”.

Para tal, servir-nos-emos de depoimentos feitos por informantes, bem como de trabalhos de carácter antropológico sobre “gravidez” e “sangue” nas sociedades tradicionais moçambicanas, elaborados por estudantes do Curso de SMI, no Instituto de Ciências de Saúde de Nampula. Socorrer-nos-emos também de expressões próprias das línguas do grupo bantu faladas em Moçambique, como forma não só de verificarmos a maneira como estas línguas subcategorizam o fenómeno “grávida” ou “gravidez”, mas também como uma tentativa de testarmos as possíveis influências destas línguas no uso das palavras em referência.

De acordo com a rotina cultural dos falantes de algumas das línguas do grupo bantu, os lexemas “grávida” ou “gravidez” apelam para diferentes interpretações: Em Shimakonde, por exemplo, a

palavra “shitumbo” está associada à ideia de “doença”, um estado que só deixará a família tranquila no dia em que a “doente beber água”, que quer dizer “der à luz um bebé”.⁹

Em Cinyungwe, “mimba” significa não consumo de sangue de animais, enquanto em Cicopi (falado em Inhambane), este termo simboliza não consumo de água servida por uma mulher menstruada.

Em E-cuabo, língua do grupo P34 de acordo com a classificação feita por Guthrie (1967/71), “gravidez” significa:

- não beber água de pé;
- não consumo de piri-piri;
- não ficar à porta de uma casa;
- não chupar cana de açúcar;
- não manter relações sexuais extra-conjugais;
- não consumo de ovos.

Para os falantes da língua Emakhuwa, de acordo com a forma como os seus falantes subcategorizam o mundo, “erukulu” significa “não sentar na cadeira, mas sim, na esteira”, durante a gestação.

De uma forma geral, existe, nas línguas bantu, uma determinada relação de sentido entre o vocábulo que significa “barriga” e os morfemas “grávida/gravidez”. Quer dizer, nalgumas línguas do grupo bantu, o termo “barriga” denota também “grávida” ou “gravidez”, podendo distinguir-se apenas de acordo com o contexto. Vejamos um exemplo da língua Shimakonde, língua falada na Província de Cabo Delgado, nos Distritos de Mueda, Muidumbe, Nangade, Mocímboa da Praia, Palma, Macomia e Meluco, de acordo com os dados do censo de 1980:¹⁰

(17) a. Mário havenao **shitumbo** shikumene. “O Mário tem barriga grande”

b. Ndyá Mário havenao **shitumbo** sha myedi sita. “A esposa do Mário tem uma gravidez de seis meses. (tradução literal)”

Como se pode depreender, a palavra “shitumbo” tem dois significados: em (17a) ela significa “cavidade abdominal” ou “ventre”,

⁹ O autor deste texto é um falante nativo da língua Shimakonde

¹⁰ cf. 1º. Seminário Nacional de Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas.

enquanto em (17b) “shitumbo” é usado com sentido de estado em que uma mulher se encontra durante a gestação. Enquanto no PE o lexema “barriga” pode denotar também “gravidez” no sentido figurado (cf. Dicionário Universal de Língua Portuguesa: 202), nas línguas bantu este significado não é periférico, pois trata-se de um caso de polissemia. O carácter polissémico da palavra “shitumbo” verifica-se também na oposição grávida/gravidez, como provam as frases:

- (18) a. Nkongwe wa **shitumbo** andipita. “A mulher grávida passou.”
 b. **Shitumbo** shamwe Maria shinditunguka. “A gravidez da Maria desfez-se.”

Tanto em (18a), como em (18b), “shitumbo” ostenta o traço [+NOME], pelo que uma interpretação literal da frase (18a) seria “mulher de gravidez”, que é o mesmo que dizer “a mulher que tem gravidez”. Mas, a palavra “shitumbo” é empregue como adjectivo em (18a) e como nome ou substantivo em (18b). Para além da palavra “shitumbo”, existe em Shimakonde um outro lexema que significa “grávida/gravidez”. Trata-se da palavra “njigo”, de origem Suhaili “nzigo”, cujo significado primário é “bagagem”, “carga”. Por ser um termo mais erudito, usa-se sobretudo como a expressão de respeito. As palavras “shitumbo” e “njigo” são sinónimas, sobretudo quando usadas com o sentido de “gravidez”.

Em Emakhuwa, língua falada em quatro províncias de Moçambique, nomeadamente Nampula, Cabo Delgado, Niassa e Zambézia, por cerca de 27,8% de indivíduos, de acordo com o censo populacional de 1980 (cf. MEDEIROS 1987:35), a oposição entre *erukulu* “barriga” e *erukulu* “gravidez” é apenas de natureza contextual, pois não existe, nesta língua, uma palavra que designe “grávida” ou “gravidez”, como ilustram as frases:

- (19) a. Maria ori ni *erukulu*. “A Maria está grávida”
 b. *Erukulu* aka yolupale “A minha barriga é grande.”

Não havendo uma palavra que designa especificamente “gravidez” ou “grávida”, não existe por conseguinte, nesta língua, uma distinção entre adjectivo e nome.

Em Cinyungwe, língua falada sobretudo na província de Tete, “grávida” denomina-se “mimba.” Este vocábulo serve também para designar “barriga”, como ilustram as frases:

- (20) a. Muana ule ana *mimba* nkulu. “Aquela criança tem barriga grande”
 b. Fernanda ana *mimba* “Fernanda tem gravidez”

À semelhança do Shimakonde, existe também em Cinyungwe uma outra palavra que designa especificamente “gravidez”. Trata-se da palavra “pathupe” que, em termos morfológicos, existe apenas como substantivo, isto é, não há, nesta língua, um vocábulo correspondente a adjectivo de “pathupe”:

- (21) a. N-kasi wa pathupe “mulher grávida” ou, numa tradução literal “mulher de gravidez”
 b. N-kasi wanga ana pathupe. “A minha esposa tem gravidez”

Como se pode ver, apenas o contexto permite-nos interpretar “pathupe” ou como adjectivo, ou como substantivo. Portanto, o carácter polissémico dos morfemas que designam “barriga” e a sua dupla realização (como adjectivo e como nome, sem alterar a forma), explicam, em certa medida, a forma como os falantes do PM seleccionam o morfema “grávida”, quando se expressam em Português.

Assim, procurámos explicar as motivações subjacentes ao uso ora como nome, ora como adjectivo, do lexema “grávida” no PM.

5. Conclusão

Como dissemos na introdução, pretendemos neste trabalho estudar os processos que promovem o alargamento do léxico do Português. Procurámos demonstrar que o léxico de uma língua pode alargar-se não só por vias morfológica e lexical, como também por via semântica, através de atribuição de novos significados às palavras, o que, no caso vertente, não só provoca mudanças ao nível dos traços semânticos, como também afecta o comportamento sintáctico da palavra. Tratou-se, portanto, do estudo da semântica do adjectivo “grávida”, em função do seu uso no PM.

A pesquisa provou que os falantes do PM usam o lexema “grávida” no lugar de “gravidez”, permitindo assim a perda do traço [+Adjectivo] do primeiro lexema e, em contrapartida, a aquisição do

traço [+Nome]. Tal se deve ao facto de, nas línguas bantu, a distinção entre “grávida/gravidez” ser apenas contextual, pois a palavra que nestas línguas designa estas duas realidades é invariável quanto à sua formação.

Como se observou ao longo do trabalho, trata-se de um fenómeno linguístico que envolve a distinção em traços do par “grávida/gravidez”. No contexto do ensino da Língua Portuguesa em Moçambique, qualquer estratégia visando levar os alunos a diferenciarem estas duas categorias lexicais, deve privilegiar práticas pedagógicas que não impliquem a imposição de restrições na selecção do morfema “grávida”, de acordo com a norma do PE, mas sim que conduzam os alunos ao reconhecimento do uso variado deste morfema, o que, por si só, justifica o princípio da variabilidade linguística que caracteriza as línguas humanas.

Portanto, não deve ser preocupação do professor levar os alunos a abandonarem o modo particular como seleccionam o lexema “grávida” a favor da norma do PE, mas o de permitir que reconheçam as duas variedades do Português como um fenómeno puramente dialectal, aceites por cada uma das comunidades sociolinguísticas como seu português. Este exemplo será sem dúvida ilustrativo de uma regra geral no PM, sobretudo na região Norte do país.

Bibliografia

1. Bibliografia Primária

- a) Textos dos informantes (mencionados no corpo do artigo)
- b) Fontes orais: Víctor Terra e Ana Muimela (Emakhuwa); Maria F. Pedro (Cinyungwe)

2. Jornais: *Domingo*, *Tempo*, *Notícias* e *TVM*

3. Bibliografia secundária:

AZUAGA, Luisa (1996), *Morfologia*, in *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Ed. Caminho, Lisboa.

BASÍLIO, Margarida, (1980) *estruturas léxicas do Português: Uma Abordagem Gerativa*, Ed. Vozes, Brasil.

BRITO, Ana e Inês Duarte (1996), *Sintaxe*, in *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Ed. Caminho, Lisboa.

CAMARA, Joaquim Mattoso (1985), *Estrutura da Língua Portuguesa*, 15° ed. Ed. Vozes, Brasil.

- CAPELA, José (s/d), *Moçambique pelo seu povo*. (sem nome da Cidade e da editora)
- FISHMAN, J.A. (1968), *The Sociology of Language*, The H., Mouton.
- FIRMINO, Gregório, (1998) *Educação em línguas indígenas*, in *Uso de Línguas Africanas no Ensino: Problemas e Perspectivas*, Cadernos de Pesquisa nº 26, INDE, Maputo
- GONÇALVES, Perpétua (1996), *Português de Moçambique, uma Variedade em Formação*, Ed. Livraria Universitária e Faculdade de Letras da VEM, Maputo.
- LYONS, John (1977) *Semântica-I*, Ed. Presença, Lisboa
- SEMEDO, Manuel Brito (1996), *A Colocação dos Clíticos no Português em Maputo*, Cadernos de pesquisa nº- 25, Maputo.
- VILELA, Mário (1979), *Estruturas Léxicas do Português*, Livraria Amedina, Coimbra.
- VILELA, Mário (1991), *Dicionário do Português Básico*, 3a- ed. ASA, Lisboa.
- VILELA, Mário (1995), *Léxico e Gramática*, Livraria Amedina, Coimbra.